

Desmobilizar

ROSSET, Clément. “Démobiliser”. In: *Faits Divers: textes réunis et présentés par Nicolas Delon et Santiago Espinosa*. Paris: PUF, 2013. p. 161-168.
Publicado originalmente em *Critique*, 1978, n° 369, p. 246-250.

Rogério de Almeida*

Luiz Antonio Callegari Coppi**

É difícil imaginar que a Filosofia, enquanto tal, possa ter exercido influência notável sobre o curso das coisas. Há muitos filósofos maldosos, mas conheço poucos que conseguiram ser verdadeiramente perigosos. A não ser para seus próximos ou colegas, mas trata-se de um mal sem grandes consequências, a não ser para os interessados, e que de todo modo é comum a quem pertence a uma instituição. Mesmo aqueles de quem a história reteve o nome na conta de grandes filósofos: seus pontos de vista aparecem como mais ou menos geniais, mais ou menos penetrantes, mais ou menos promissores ou preocupantes, mas também sempre como mais ou menos inofensivos. Nem Platão, nem Hobbes, nem Hegel tiveram influência notável sobre a estrutura social; tampouco Epicuro, Spinoza ou Nietzsche conseguiram, mesmo hoje em dia, quando todas as homenagens lhes são unanimemente rendidas, transformar em profundidade a natureza do homem.

Então me parece vã a tarefa de defender a filosofia quando se vê ameaçada e questionada pela impossibilidade de demonstrar sua eficiência: mostrar que a filosofia, aparentemente sem interesse em oferecer algum recurso em caso de crise, é contudo capaz de “oportunidades” inesperadas na concretude. Trata-se, no melhor dos casos, de uma falsa promessa; no pior, de prostituição, já que no imediato é assim que a filosofia às vezes consegue se vender, em todos os sentidos do termo: respondendo a questões concretas, a preocupações momentâneas que não são de sua alçada. Sabe-se passar por útil aos olhos de um público semi-cultivado a quem jamais interessará a questão do ser e do nada, mas que se importa em saber se se deve ser a favor ou

* Professor Associado da Faculdade de Educação da USP, onde coordena o Lab_Arte e o GEIFEC. Email: rogerioa@usp.br

** Mestrando da Faculdade de Educação da USP, com bolsa da CAPES, e pesquisador do GEIFEC. Email: laccoppi@hotmail.com.

contra a guerra da Argélia ou do Vietnã, se deve votar ou não pela união da esquerda, confiar ou não sua angústia e sua tristeza aos cuidados de um psicanalista. Tais questões são legítimas e, independente da resposta, ninguém é indiferente a elas. Mas não se trata de questões filosóficas: a essas questões a filosofia, enquanto tal, não tem o que responder. Sem dúvida um filósofo pode ter suas preferências, escolhas políticas, opiniões sobre tal ou qual problema concreto. Da mesma forma, terá seus cineastas preferidos, ideias sobre a psicologia de seus parentes, gostos e desgostos em matéria sexual ou culinária.

Mas não é por isso que ele é filósofo. Mesmo Marx – que provavelmente seja um caso limite, já que parece ter sido o único, é verdade que por intermediários (Engels e Lênin entre os primeiros), a ter uma incidência real sobre o curso das coisas – não é filósofo por ser o autor da esperança revolucionária de um melhor-ser da humanidade (sequer é o autor dessa esperança, que é bem anterior a ele), mas sim por ter sido o primeiro a pensar uma certa relação entre as estruturas sociais e suas manifestações explícitas.

Dizer isso de maneira alguma é dar razão aos “adversários” da filosofia (mas quais adversários exatamente, e qual filosofia?), ou seja, àqueles que têm a intenção de condenar a filosofia em razão de sua impotência em resolver algum problema de momento. A filosofia não tem efeito notável sobre o real, mas isso não é importante para ela, porque seu interesse está noutro lugar. Em uma palavra, digamos que ela constitui geralmente um questionamento acerca de objetos independentes do estado atual das coisas, independentes das contingências do momento. Assim, questões sobre o que é exatamente uma coisa, o que é o ser, o que é existir, morrer, pensar, sentir amor ou alegria, não são suscetíveis de serem modificadas pelas contingências da atualidade, regozijando-se com o grave ou o trágico de serem o que são. A influência dos totalitarismos pelo mundo, as milhões de mortes no Camboja, uma eventual catástrofe nuclear anunciam circunstâncias infinitamente inquietantes e deploráveis; do ponto de vista filosófico, porém, não são mais que contingências, detalhes. Não se pode indignar-se com a filosofia ou repreendê-la por se desinteressar do mundo e de seus dramas. É verdade que a filosofia tem seus olhos voluntariamente fechados – o que não implica de forma alguma (ao menos não sempre) uma alergia quanto ao real. Mas ela pode reabri-los facilmente – exceto em certos casos desagradáveis, tal qual o do filósofo posto em cena por Marivaux em *L'Île de la raison*: ele é o único a manter suas ilusões, contra ventos e marés, enquanto todos seus companheiros, do rei até os subalternos iletrados, se rendem à evidência; e, ao espetáculo da

atrocidade, da estupidez cega, dizer seu desespero e seu desgosto. Essa voz solitária, que não passa da voz de um filósofo, isto é, de um homem entre outros, não é de maneira alguma uma voz especificamente filosófica. Se ele me diz que isso é horrível e imundo, que é preciso tentar remediar, ele tem razão e não deixarei de compartilhar de seu desgosto. Mas, por outro lado, se ele me propõe para isso um discurso filosófico, eu o abandonarei imediatamente, não pela causa em si, que é estimável, mas pelo homem que a defende, porque é um farsante. Tal é a ambiguidade do estatuto do “filósofo engajado” que nos valeu, notadamente desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e até hoje em dia, uma abundante produção de obras propriamente inqualificáveis, dado que não saberíamos decidir por nós mesmos o que são nem o que valem. Caberia ao autor nos informar se fez obra de circunstância ou filosófica, mas geralmente ele não diz nada. De sorte que permanecemos num dilema, hesitando entre a aquiescência sem reservas e a negação total, porque tais obras são tão ambivalentes quanto ambíguas: seu valor é tão incerto quanto seu sentido. Como tomadas de posição úteis e corajosas em um dado momento, como sobreposição a barbarismos arraigados nos costumes, elas são estimadas (sobretudo as que estão entre as primeiras a assinalar – embora o processo não seja geralmente muito notado – a enormidade de um abuso de poder). Entretanto, quando se apresentam como obras filosóficas, seu valor é na maioria das vezes dos mais insignificantes.

A incidência da filosofia sobre os problemas da sociedade ou sobre os dos indivíduos me parece praticamente nula. Podemos, é verdade, imaginar que a filosofia, avaliada em termos de rentabilidade imediata, não seja absolutamente vã. Efetivamente, exercer uma ação benéfica sobre o curso das coisas é um viés que a torna útil, tanto no plano social quanto individual: desse modo, ao silenciar suas próprias preocupações, se entrega a um engajamento de corpo e alma, breve ou duradouro, num problema persistente, numa crença inabalável, numa devoção irrevogável a respeito de uma causa mais ou menos duvidosa e absurda. Em contrapartida, quando posta em prática por quem conservou os meios de ouvi-la, a filosofia torna-se uma arte de afastar o outro e, sobretudo, a si mesmo e suas próprias preocupações: enfim, uma maneira de acessar sem muita angústia o real. Tomei consciência pela primeira vez desse poder da filosofia, poder até então um pouco insuspeito para mim, quando no fim de um ano universitário um aluno que nunca havia se pronunciado veio ao meu encontro e colocou uma garrafa de whisky sobre minha mesa, dizendo: “Agora, graças a você, eu me f... completamente”. Deixei de lado os sentimentos da ocasião, de autocomplacência duplamente motivada, e passei à moral que poderia

tirar do incidente; assim, disse a mim mesmo que a filosofia, além de seu interesse intrínseco, indiferente às boas ou más fortunas de quem quer que seja, é também dotada de certo valor extrínseco, de ordem terapêutica, ou ainda catártica, como afirmaram há quase vinte e cinco séculos Aristóteles e Epicuro. Ela não funciona, socialmente falando, no vazio, mas possui uma virtude que, sozinha, bastaria para que se declarasse seu interesse público (e privado): a função de *desmobilização* – de desmobilização geral.

Desmobilizar: uma operação simples na aparência – na aparência apenas. Relativamente simples se a mobilização prévia procede de um móbil cuja falta de fundamento podemos apontar ou, não sendo possível, mostrar que, embora anteriormente válido, agora caiu em desuso. Mas o que fazer se a mobilização que nos esforçamos por desfazer não repousar em *nenhum móbil*? Desmobilizar não seria um problema se bastasse des-mobilizar, extirpar o móbil. Mas como proceder à desmobilização se não há, na origem da mobilização, nenhum móbil real para fazer desaparecer? A tarefa se torna então duramente árdua, embora seja a essa tarefa impossível que se dedicarão os que querem desmobilizar os homens ou a si mesmos: porque é o destino de todas as mobilizações profundas não estarem associadas a nenhum móbil. Para resumir em poucas palavras uma análise que demandaria um longo desenvolvimento: a mais forte adesão é adesão a um objeto flutuante e incerto, ou seja, não importa a que objeto se adira, já que ele não existe; e não haverá dificuldade em encontrar tais objetos, uma vez que é numerosa a legião de coisas que não existem. É por isso que todo objeto de adesão é flutuante e incerto, não somente porque seu valor é duvidoso, mas também e sobretudo porque sua realidade é imprecisa e confusa no próprio espírito de quem a ele adere. Tal como o fascismo hitleriano e seus fantasmas do Ariano, da boa saúde, da eliminação das doenças: todo bom alemão acreditava, mas nenhum deles sabia exatamente no quê – com exceção de alguns astutos que sabiam de fato não crer em nada. Freud, em *O futuro de uma ilusão*, aproximou esse não-saber fascista ao não-saber adulto diante da vistosa sexualidade infantil. Cito aqui o exemplo do fascismo, mas poderia da mesma forma mencionar, a título de exemplo, a ambição, o gosto pelo poder, a religião, o patriotismo cego, e não importa qual outra dessas crenças tão ferozes e intratáveis quanto; elas não têm objeto no qual *repousar*, tomada aqui a palavra em todas as acepções do termo. Acredita-se, mas em nada. É por isso que geralmente a crença não é desenraizável: não há objeto a desenraizar. E a mobilização, tão difícil de desmobilizar: não há móbil a arrancar. A filosofia às vezes o consegue: por uma mudança na disposição do espírito, que deixa então de almejar o desaparecimento de um

objeto, que de qualquer modo está ausente, para apagar suas sombras por meio de um distanciamento da tendência desejante em si.

Se há uma tarefa específica da filosofia – e isso independentemente de seus interesses fundamentais, que, uma vez mais, são outros –, é a de curar o homem de sua loucura: vasto empreendimento que promete à filosofia um futuro longo e durável, contrariamente aos crentes, que se exprimem aqui e acolá. Porque nada dura tanto quanto aquilo que não tem chance nenhuma de conduzir a lugar algum. A filosofia, considerada somente em seu aspecto utilitário, tem ainda belos dias à frente. Não há, certamente, complacência, porque ela dificilmente consegue arrebatá-lo o homem de suas manias. Mas mesmo raramente, vez ou outra ela o faz: façanha modesta que no entanto parece ser suficiente para situar sua eficácia um pouco mais além dos resultados obtidos até aqui, na mesma linha, pela medicina, psicologia ou psicanálise.